

## Trabalhando com educação musical no YouTube: um estudo autoetnográfico

### Comunicação

#### GTE 18 – Sociologia da Educação Musical

Rodrigo Sabedot Soares<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

sabedot@gmail.com

**Resumo:** Esta comunicação trata de pesquisa de doutorado em andamento, concebida pelo viés da sociologia da educação musical. O estudo vem sendo realizado por meio do enfoque metodológico da autoetnografia, que configura-se como abordagem para pesquisar, descrever e analisar sistematicamente uma experiência pessoal visando compreender uma experiência cultural. A experiência pessoal narrada nesta pesquisa é o trabalho do autor como educador musical na plataforma YouTube, buscando reconhecer especificidades desse trabalho que contribuam para a discussão no campo da educação musical. Por se tratar de estudo em andamento, esta comunicação trará alguns aspectos que estão sendo desenvolvidos no estudo: a) o entendimento do YouTube como fenômeno de conectividade; b) uma explicação sobre a abordagem metodológica da autoetnografia; c) Trechos da narrativa autoetnográfica desenvolvida até o momento.

**Palavras-chave:** Autoetnografia, Sociologia da educação musical, YouTube.

### Introdução

Entre março de 2020 e maio de 2024, passados pouco mais de quatro anos, enviei ao YouTube 140 gravações. A maioria desses vídeos são videoaulas relacionadas ao ensino de violão ligado ao gênero musical da milonga<sup>2</sup> e outros gêneros e ritmos musicais do sul<sup>3</sup>. O que começou como um passatempo transformou-se, aos poucos, em uma atividade profissional importante. Nesse processo, aprendi a planejar, criar e administrar meu canal, trabalhando de forma contínua e em conjunto com outras funções profissionais que já exercia na área da educação musical. Como resultados parciais, trabalharei no texto: 1) Uma breve descrição sobre o que é o YouTube, entendido como fenômeno de conectividade; 2) O referencial

<sup>1</sup> Doutorando em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Gênero musical que se desenvolveu, principalmente, no sul do Brasil, Uruguai e Argentina.

<sup>3</sup> Como, por exemplo, vaneira e chamamé.

metodológico da autoetnografia, deixando aberta a possibilidade para que outros(as) pesquisadores(as), na área da educação musical, conheçam e possam se interessar; 3) Trechos da narrativa autoetnográfica desenvolvida até o momento.

A pesquisa se insere no campo da sociologia da educação musical, adotando uma abordagem que foca no dia a dia, nos detalhes do cotidiano. Ela busca uma perspectiva sociológica que contemple as particularidades da educação musical e seus desafios, conforme apontado por Souza (1996, p. 20).

## **O YouTube como fenômeno de conectividade**

O YouTube foi lançado em junho de 2005 com o objetivo de facilitar o compartilhamento de vídeos na internet. Pouco mais de um ano depois, foi adquirido pelo Google por um valor bilionário (Burgess; Green, 2009, p. 17-18). Atualmente, é a segunda plataforma mais visitada do mundo, atrás apenas do próprio Google. A seguir, serão apresentadas algumas características essenciais para entender o fenômeno YouTube. Essas definições são as mais relevantes para este texto, considerando o YouTube enquanto *locus* de pesquisa. Vale ressaltar que um fenômeno social e tecnológico tão vasto e em constante transformação oferece inúmeras outras possibilidades de interpretação.

Para delinear as características fundamentais do YouTube, utilizo como referência o artigo “*YouTube, TikTok, and Online Music Learning*”, de Janice Waldron (2022). A primeira característica é que o YouTube funciona como uma rede social onde os próprios usuários geram e compartilham vídeos. A plataforma atua como um intermediário entre produtores de conteúdo e a audiência. Geralmente, os pequenos produtores também consomem vídeos na plataforma, uma regra na qual eu me encaixo.

A segunda característica é a permanência do YouTube ao longo do tempo. Enquanto outras redes sociais se mostraram efêmeras (como o Orkut, por exemplo), o YouTube continua a se expandir e a se consolidar. Isso ocorre porque a plataforma consegue arquivar produções ao longo do tempo (característica diacrônica) e, ao mesmo tempo, se expandir em tempo real, registrando o “agora” e gerando engajamento imediato (característica sincrônica) (Waldron, 2022, p. 2). Embora seja possível que o YouTube mude drasticamente ou deixe de existir no

futuro, o cenário atual e o tamanho de sua base de dados indicam que isso é pouco provável no curto e médio prazo.

Por fim, a terceira característica é seu potencial de difusão. O YouTube está inserido em uma cultura de conectividade, interagindo com outras redes sociais e plataformas que compartilham seus vídeos (Waldron, 2022, p. 3). Assim, o conteúdo da plataforma se espalha para diversos espaços digitais, permitindo que seus vídeos sejam visualizados mesmo fora do site do YouTube.

Embora o YouTube não tenha sido criado com finalidades educacionais, sua evolução de um "repositório de vídeos digitais" para uma plataforma que incentiva os usuários a "transmitir-se" (Burgess; Green, 2009, p. 20) abriu caminho para iniciativas de ensino e aprendizagem. Com isso, os recursos audiovisuais criados pelos próprios usuários transformaram a plataforma em uma ferramenta para vídeos da área da educação.

## **A abordagem autoetnográfica**

Conforme Ellis, Adams e Bochner (2011), autoetnografia é uma abordagem para pesquisar, descrever e analisar sistematicamente uma experiência pessoal visando compreender uma experiência cultural. Nesse sentido, a experiência pessoal é um meio, e a compreensão de aspectos da cultura/sociedade um fim. Como metodologia, a autoetnografia é tanto processo quanto produto. Ou seja, não se "constrói" um objeto de pesquisa a fim de analisá-lo. Em vez de construir um objeto de estudo "tradicional", o pesquisador elabora uma narrativa que se torna a própria pesquisa.

A autoetnografia que optei nesse estudo é a de caráter evocativo. Nesse tipo de abordagem, a autoetnografia deve ser intencional, conectando de forma proposital memórias, reflexões, pessoas e momentos. A narrativa construída tem a finalidade de levar o leitor a refletir sobre questões e contextos sociais que estão diretamente ligados ao tema central de pesquisa.

Adams, Jones e Ellis (2022) destacam cinco características essenciais da autoetnografia: 1) colocar em primeiro plano o conhecimento particular e subjetivo; 2) ilustrar o processo de criação de sentido; 3) fazer contribuições para o campo de pesquisa existente; 4) desafiar formas e práticas de fazer pesquisa; 5) buscar envolver os leitores.

Já Chang (2008), alerta para alguns riscos da autoetnografia: 1) excessivo foco em si mesmo e isolamento dos outros; 2) ênfase excessiva na narração ao invés de análise e interpretação cultural; 3) dependência exclusiva da memória e recordação como fonte de dados; 4) Negligência de questões éticas; 5) uso inapropriado do termo autoetnografia.

O enfoque metodológico desta pesquisa se insere no campo da sociologia da educação musical, com um “olhar atento ao cotidiano, que busca a perspectiva sociológica, mas sem perder de vista a especificidade da área da educação musical e suas problemáticas” (Souza, 1996, p. 20). A problemática em questão é o meu trabalho na plataforma YouTube como educador musical, buscando reconhecer especificidades desse trabalho que contribuam para a discussão no campo da educação musical.

## **Uma narrativa autoetnográfica em construção sobre o trabalho com educação musical no YouTube**

Agora trarei trechos da narrativa autoetnográfica desenvolvida até o momento. A experiência pessoal descrita será um breve exemplo da imersão proposta no estudo, focado em compreender a construção e consolidação do canal no YouTube, relacionando aspectos do trabalho de produção audiovisual a outros aspectos da vida que condicionam a rotina de quem produz conteúdo para a plataforma. É parte de minha trajetória como educador musical que, buscando sobreviver na e para a docência, vislumbrou uma oportunidade de trabalho.

A criação do meu canal no YouTube teve início em 25 de março de 2020, com a publicação da primeira videoaula sobre como tocar milonga no violão. Este período coincidiu com o início do isolamento social imposto pela pandemia de coronavírus. A criação do canal, portanto, foi condicionada à inédita situação social que a todos foi imposta. Talvez se não fosse o isolamento prolongado, eu não tivesse dedicado tempo e energia à produção de conteúdo para a plataforma.

Nas semanas seguintes à primeira videoaula, publiquei novos conteúdos sequenciais, ainda relacionados ao aprendizado da milonga no violão. Esses vídeos tiveram um número de visualizações interessante e isso me motivou a investir mais tempo no canal. Desde o começo, o canal se caracterizou por uma quantidade maior de videoaulas em comparação com outros tipos de conteúdo. Isso reflete uma predominância da minha atuação como educador musical

sobre a de musicista, embora a atuação performática esteja, de alguma forma, sempre presente.

Destaco também que, ao longo de toda a existência do canal, os vídeos de videoaula sempre tiveram melhor desempenho. Outros formatos, como vídeos de performance ou videoclipes, registraram um número de visualizações comparativamente inexpressivo. Essa diferença quantitativa indica que, caso o canal fosse focado exclusivamente em performances, eu não teria o mesmo êxito. São os conteúdos de videoaula que efetivamente atraíram e continuam a atrair o algoritmo da plataforma, guiado pela a atenção do público que busca esse tipo de material.

Antes de começar o canal, eu já tinha algumas breves experiências com produção de conteúdo audiovisual voltado a videoaulas. Então eu tinha recursos mínimos, como um celular para gravar, além de conhecimentos rudimentares em edição de áudio e vídeo. Quando comecei a gravar as videoaulas, o fazia mais como forma de extravasar um potencial criativo reprimido pelo isolamento social. Era uma forma de “estar ativo”. Na época, eu tinha um emprego com carteira assinada, mas a instituição empregadora não ia bem, e o desemprego se avizinhava.

Gravadas uma, duas, três videoaulas, comecei a “tomar gosto” pela atividade. Eu tinha começado aquela empreitada de forma absolutamente despretenciosa, não esperava nada. Mas como os vídeos começaram a ter um número interessantes de visualizações (considerando o nicho específico de violão), eu também comecei a considerar mais a atividade como potencial de trabalho.

Essa é uma questão muito complexa, pois trabalhar como autônomo no YouTube e ter uma renda suficiente a partir disso é muito difícil, quase impossível. A menos que o conteúdo produzido seja de entretenimento, com potencial para atrair centenas de milhares de expectadores (e assim ter receita com anúncios), o retorno financeiro é muito baixo.

É certo que, em um nicho como ensino de violão, é possível gerar renda a partir de outros produtos digitais, como cursos, apostilas, dentre outros, potencializados pela visibilidade do YouTube. Ainda assim, para se ter um retorno financeiro satisfatório, a ponto de ser possível “viver daquilo”, é necessário um fluxo grande de vendas. Apesar do YouTube ter ocupado um espaço muito importante em minhas atividades de trabalho com educação

musical, eu nunca me dediquei exclusivamente a ele. Principalmente por conta da questão financeira insuficiente.

Passadas as primeiras videoaulas, comecei a aprimorar diversas facetas do trabalho na plataforma, visando qualificar o conteúdo postado. Fui melhorando a captação de vídeo e de áudio, adquirindo microfones e posteriormente interface de áudio. Comecei a pensar em luz e fundo para os vídeos. Na tela, surgiram elementos sobrepostos à imagem, como cifras, progressões harmônicas, tablaturas e partituras. Na edição de vídeo e áudio, estudei como ajustar melhor o que fora captado.

Também passei por um gradativo entendimento dos tipos de conteúdos que geravam mais engajamento, ou seja, faziam com que audiência ficasse mais tempo assistindo meus vídeos e, por consequência, o algoritmo reconhecesse como conteúdo interessante a divulgar para mais usuários. Fiz vídeos mais curtos, com elementos na tela e sem explicação, mas também vídeos bem longos, explicando detalhadamente cada movimento no violão, em forma de tutorial.

Todas essas experiências atravessaram minha vida profissional fora do YouTube, com trabalhos em paralelo na educação básica, no ensino superior e em aulas particulares, sempre na área da educação musical; minha vida acadêmica com a realização do mestrado e, atualmente, doutorado; e minha vida pessoal com o nascimento dos filhos.

## Concluindo

Minha tese de doutorado se propõe a descrever minha trajetória profissional como educador musical, “na batalha” para seguir nesse ramo de atuação. O YouTube surgiu como uma possibilidade de inserção. Ele me trouxe alguns retornos interessantes, como alunos particulares que assistiram aos vídeos e buscaram auxílio individualizado, ou a venda de alguns produtos online como tablaturas e partituras. Aparecer na plataforma também me deu legitimidade como professor de música que trabalha com o gênero musical da milonga e até mesmo como “milongueiro”. Isto é muito positivo, pois em qual outro lugar eu poderia me expressar tão livremente e abordar um conteúdo que gosto?

Por outro lado, o trabalho no YouTube não é fácil, e muito embora não exija uma constância tão intensa como, por exemplo, no Instagram e no TikTok, é necessário ter uma

produção minimamente contínua para construir uma audiência. Isso dá trabalho, muito trabalho. E conforme o canal cresce, também cresce a exigência pela melhoria do conteúdo, o que gera mais trabalho. Ao mesmo tempo, o retorno financeiro proveniente de anúncios para canais pequenos, como é meu caso, é irrisório. Para se ter um canal bom e com potencial, é necessário investimento de tempo, só que esse tempo não gera uma renda auto-sustentável.

Este estudo autoetnográfico visa elucidar, em um olhar no cotidiano, o trabalho envolvido no canal, ao mesmo tempo que o resto da vida acontece, e vai condicionando esse trabalho. Neste texto, busquei trazer um pouco dessa narrativa, acreditando que dialogue com outros educadores musicais que trabalham no YouTube ou em outra plataforma.

## Referências

ADAMS, Tony E.; JONES, Stacy Holman; ELLIS, Carolyn. Making Sense and Taking Action: Creating a Caring Community of Autoethnographers. *In: ADAMS, Tony E.; JONES, Stacy Holman; ELLIS, Carolyn (orgs.). Handbook of autoethnography*. 2. ed. New York: Routledge, 2022. p. 1-19.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER; Arthur P. Autoethnography: an overview. *Historical Social Research*, v. 36, n. 4, p. 273-290, 2011.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. *In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical*, 5. 1996, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: ABEM: 1996. p. 11-39.

WALDRON, Janice. YouTube, Tiktok, and online music learning. *In: RANGLES, Clint (Ed.). Milestones in Music Education*. UK: Routledge, 2022.